

# ESPAÇOS PÚBLICOS E CONSTRUÇÃO DE DISCURSOS: O PELOURINHO COMO EXPRESSÃO DA BAIANIDADE

JUCÉLIA BISPO DOS SANTOS\*

**Resumo:** Esse artigo tem como objetivo analisar alguns discursos que estiveram presentes no processo de restauração do Pelourinho, ocorrido entre 1992-1993. Na primeira parte dessa produção pretende-se destacar a construção das sociabilidades que foram estruturadas nas ruas do Centro Histórico, no período pós-abolição. Na segunda parte, destaca-se a construção do discurso da baianidade que fundamentou a reforma do Pelourinho. Por fim, faz-se uma análise das condições sociais dos sujeitos excluídos enquanto participantes do processo e considerados inconvenientes para permanecer no local que foi escolhido como espaço voltado para o turismo. Hoje, os excluídos do Pelourinho disputam espaço com turistas e demarcam seus territórios nesse lugar que foi projetado discursivamente para ser o marco referencial da cultura baiana.

**Palavras-chave:** Lugares; Discursos; Sociabilidades; Territórios.

*Abstract: This article aims to look at some speeches that were present in the process of restoring the Pelourinho, occurred between 1992-1993. In the first part of this production is intended to highlight the sociabilidades that were structured on the streets of the historic centre, in the period after abolition. In the second part is*

---

\* Doutoranda em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). E-mail: <prof.jucelia@bol.com>.

*building the discourse of baianidade that substantiate the reform of Pelourinho. Finally, an analysis of social conditions subject deleted while participants considered inconvenient process and to stay in place, which was chosen as a space dedicated to tourism. Today, those excluded from Pelourinho vying for space with tourists and emphasize their territories in this place that was designed to be the discursivamente referential bahian culture.*

**Key-words:** *Places; Speeches; Sociabilidades; Territory.*

### **Introdução**

Esse artigo tem como objetivo desvelar as ideologias que foram articuladas em torno das representações do Centro Histórico do Pelourinho, na cidade de Salvador, no Estado da Bahia (BA). Pretende-se descobrir o véu dos discursos que foram articulados em torno do Pelourinho, sobretudo os que foram produzidos pela imprensa, trazendo à tona a ideologia inserida na sua elaboração, considerando-a como um conjunto de crenças, ideias e conceitos que se destinam a nos convencer de sua veracidade, mas que, na realidade, servem a interesses particulares.

Dessa forma, pretende-se aproximar da perspectiva teórica de Jürgen Habermas, o qual percebeu a ideologia como uma combinação distorcida que recebe no texto influências de interesses sociais. Acredita-se que existe sempre uma lacuna que separa seu sentido público oficial e sua verdadeira intenção, ocorrendo então uma tensão entre o conteúdo enunciado explicitamente no texto e

seus pressupostos pragmáticos. Essa abordagem de análise do discurso de Habermas aproxima-se da noção de esfera pública que se assemelha a uma rede para a comunicação de conteúdos, tomada de posição e opiniões.<sup>1</sup>

Nessa arena, as manifestações são relativas a temas e a posição é a favor ou contra. A opinião pública é resultante da avaliação de opiniões que conseguiram influenciar o sistema político, ou seja, de uma prática comunicacional que racionalizou argumentos e contra-argumentos. Segundo Faria e Linhares, as estratégias de persuasão estão sempre presentes no discurso e, por conta desse fator, edificam-se personagens discursivas que podem revelar a inclinação ideológica do enunciador, pois elas não são criadas casualmente.<sup>2</sup>

Desse modo, o enunciador pode se opor ou defender ideias por meio de uma personagem e transferir a responsabilidade para ela, ou até mesmo omitir sua existência. Entre as relações e os conteúdos explícitos e implícitos criam-se um efeito ideológico implícito que possibilita ao enunciador passar ao leitor de forma sutil e interativa uma idéia que, por alguma razão, não foi explicitada. O desvendamento destas idéias implícitas pode revelar a formação ideológica do locutor.<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

<sup>2</sup> FARIA, A. A. M.; LINHARES, P. T. S. O preço da passagem no discurso de uma empresa de ônibus. *Cadernos de Pesquisa do NAPq*, Belo Horizonte, v. 10, p. 32-38, 1993.

<sup>3</sup> FARIA; LINHARES, op. cit., 1993.

Segundo Habermas, é nesse processo que se forma a esfera pública como um campo de batalha pela influência, num sentido amplo, onde estão presentes discursos de autoridades, jornalistas, artistas, intelectuais, além da sociedade civil.<sup>4</sup> Nesse trabalho, pretende-se analisar os discursos que esses sujeitos fomentaram sobre o Centro Histórico do Pelourinho e observar como os veículos de comunicação de massa construíram discursos sobre as identidades individuais e coletivas, seja de forma negativa e/ou positiva, a depender dos interesses ideológicos que estavam em jogo.

### ***Pelourinho: um espaço de muitos territórios***

O Centro Histórico do Pelourinho está situado no centro da cidade de Salvador, em um espaço formado por igrejas e casarões, e que possui ruas estreitas, calçadas de pedras e de traçado irregular. No decorrer do século XVI, até o início do século XX, o Pelourinho foi o principal bairro da aristocracia baiana. A elite que residia no Pelourinho buscou a influência da arquitetura européia para construir residências, igrejas e pontos comerciais. Portanto, era essa paisagem que fazia parte da velha Salvador, que, de acordo com Milton Santos,

---

<sup>4</sup> HABERMAS, Jürgen. *Consciência moral e agir comunicativo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989, p. 143-233.

era a capital mais antiga do Brasil e a mais importante, sobretudo durante a colônia, uma vez possuía a aglomeração urbana mais populosa do Brasil e o seu porto era o principal daquele período.<sup>5</sup>

A planta da cidade de Salvador, até o século XIX, era estruturada num espaço retangular e tinha por limites as portas do Carmo, o portal de São Bento e a Praça da Piedade, o bairro da Saúde, e o mar – a região do Cais do Porto. Eram esses os limites da cidade colonial e que servem de recorte atual do que se denomina, hoje, Centro Histórico de Salvador.<sup>6</sup> A posição geográfica de Salvador, nessa época, ficava numa encruzilhada entre os itinerários comerciais terrestres e fluviais, estando próxima de uma rica região agrícola, o Recôncavo baiano, que produzia a maior parte do açúcar que a Bahia exportava. Por situar-se perto da região açucareira e ser o maior núcleo de povoamento urbano baiano do século XIX, a cidade de Salvador atraiu diversos sujeitos, sobretudo integrantes da população liberta recém-saídos do cativeiro.

Até o final do século XIX, Salvador manteve o seu traçado urbano e arquitetônico coloniais praticamente intactos. No século XIX, Salvador era formada, em sua maioria, por bairros e pelo centro histórico. Além do Pelourinho, lugares como Praça da Piedade, Ladeira de São Bento, Praça Dois de Julho e Barra, localizados no centro da cidade, também faziam parte da estrutura urbana da cidade.

---

<sup>5</sup> SANTOS, Milton. *Pobreza urbana*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1979, p. 29.

<sup>6</sup> RISÉRIO, Antônio. *Uma história da cidade da Bahia*. Rio de Janeiro: Versal, 2004.

Nesse período, sobretudo depois da vinda da família real portuguesa para o Brasil, o Pelourinho era um dos espaços privilegiados da antiga Salvador e abrigou a classe dominante desse período, com destaque para os senhores de engenho, políticos, desembargadores, grandes comerciantes e o clero. Contudo, nesse local moravam também negros escravos, livres e libertos.<sup>7</sup>

O espaço concreto das ruas, becos e praças também era lócus dos moradores de rua. Nesse sentido, o Pelourinho é um território que deve ser entendido como o produto da apropriação do espaço por meio das relações de poder de diferentes atores, sendo permeado por resistências e lutas, pois, como tão bem demonstrou Walter Fraga Filho, a cidade de Salvador, nesse período, era um espaço disputado por mendigos, moleques e vadios.<sup>8</sup> A composição racial predominante nesse grupo majoritário da população da cidade no contexto escravista era óbvia: negros e mestiços.

Nesse espaço, Pelourinho do século XIX, os sujeitos articulavam relações que podem ser compreendidas por meio do conceito de território desenvolvido por Haesbaert, o qual considera que o território é um produto das relações multirrelacionais. Ou seja, o território é composto por diversos agenciamentos que, para ele, são

---

<sup>7</sup> RISÉRIO, op. cit., 2004.

<sup>8</sup> FRAGA FILHO, Walter. *Mendigos, moleques e vadios na Bahia do século XIX*. São Paulo/Salvador: Hucitec/EDUFBA, 1996, p. 15.

construídos pela territorialidade.<sup>9</sup> Os agenciamentos mencionados pelo autor também podem ser observados em Heidrich, para o qual o território é resultado da relação entre apropriação, domínio, identidade, pertencimento, demarcação, separação.<sup>10</sup> Assim, compreende-se que o território é organizado através das territorialidades. Portanto, entende-se que os moradores de rua elaboravam suas territorialidades nas vias e nos becos do Pelourinho em virtude das necessidades de sobrevivência com as quais se deparavam nestes locais.

No final do século XIX, o Pelourinho foi tomado pelo funcionamento da mendicância enquanto uma alternativa de sobrevivência, mais ou menos instituída e legitimada na época, que se estabeleceu especialmente com o final da escravidão. Contudo, esses sujeitos, que não eram vistos como cidadãos, pois estavam excluídos dos mínimos direitos, viviam da mendicância e não deixaram este espaço. De acordo com Haesbaert, essa exclusão social sofrida pelos negros no período pós-abolição promoveu a desterritorialização. Como consequência desses fatores se processou a exclusão sócio espacial, e, por extensão, a exclusão territorial, acarretando um processo de “desterritorialização”. Dessa forma, tal procedimento é compreendido em seu sentido “forte”, ou seja, a desterritorialização

---

<sup>9</sup> HAESBAERT, Rogério. *Des-territotalização e identidade: a rede “gaúcha” no Nordeste*. Niterói: EDUFF, 2004.

<sup>10</sup> HEIDRICH, Álvaro Luiz. Territorialidades de exclusão e inclusão social. In: REGO, Nelson; MOLL, Jaqueline; AIGNER, Carlos (Orgs.). *Saberes e práticas na construção de sujeitos e espaços sociais*. Porto Alegre: EDUFRGS, 2006, p. 21-44.

ocorreu por meio de estritos sociais impactantes. Todavia, compreende-se a desterritorialização como exclusão, privação e/ou precarização do território enquanto “recurso” ou “apropriação” (material e simbólica) indispensável a nossa participação efetiva como membros de uma sociedade.<sup>11</sup>

De acordo com Walter Fraga Filho, em sua obra *Encruzilhadas da liberdade*, os negros, após a Abolição, buscaram diversas expectativas de liberdades. Depois do dia 13 de maio de 1888 vários negros perambulavam pelas ruas da cidade de Salvador buscando alternativas de sobrevivência.<sup>12</sup> Para explicar a situação de rua em que viviam os sujeitos na cidade de Salvador, nesse período, torna-se necessário remeter o tema aos indicadores sociais da época. Para João José Reis, a população de Salvador, em 1835, era estimada em 65.500 pessoas, sendo que 42% desses sujeitos eram escravos e 58% livres (brasileiros e europeus brancos) e libertos (cabras, mulatos, crioulos e outros mestiços). Compreende-se, dessa forma, que havia, na Bahia, uma maioria de livres e libertos que, possivelmente, se estendeu ou até se expandiu com a proximidade da Abolição.<sup>13</sup>

---

<sup>11</sup> HAESBAERT, op. cit., 2006, p. 315.

<sup>12</sup> FRAGA FILHO, Walter. *Encruzilhadas da liberdade: histórias de escravos na Bahia (1870-1910)*. São Paulo: EDUNICAMP, 2006.

<sup>13</sup> Para maiores informações acerca das atividades econômicas de libertos, africanos livres e escravos, em Salvador e na Bahia, ver, respectivamente, REIS, João José. A greve negra de 1857 na Bahia. *Revista USP*, n. 18, p. 7-29, jun./ago. 1993 e REIS, João José. *Rebelião escrava no Brasil: a história do Levante dos Malês em 1835*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 23-24.



Fraga Filho apontou que tanto os arquivos institucionais como os relatos de viajantes, como ainda a imprensa da época, registraram a existência de centenas de jovens e de crianças que viviam nas ruas da cidade de Salvador. Como consequência do aumento da população em condição de rua, Fraga Filho destacou o fator da orfandade, o qual resultou do abandono ou da fuga do convívio familiar. Para os órfãos abandonados, a vida na rua era uma alternativa para a ausência de perspectivas deste contingente que descendia de negros pobres e livres. Nessas circunstâncias, o estar na rua envolveu a busca de recursos através da mendicância não sistemática e da oferta eventual de serviços vinculados aos trabalhos de libertos. Essas estratégias de busca de recursos monetários por meio do estabelecimento de relações de reciprocidade com estranhos constituem espaços abertos a processos desterritorializantes.

A população livre e liberta de escravos, assim como a de mestiços desterritorializada, formava, portanto, novas territorialidades nas ruas de Salvador. Esse processo de desterritorialização pode ser interpretado, de acordo com Haesbaert, como uma desterritorialização realizada por meio de processos de mobilidades.<sup>14</sup> Assim, entende-se que nos processos de itinerâncias os indivíduos formam novos territórios, por mais precários e temporários que eles sejam. Dessa forma, compreende-se esse processo de desterritorialização

---

<sup>14</sup> HAESBAERT, op. cit., 2006, p. 315.

como resultado da destruição ou da transformação de territórios, e que, ao mesmo tempo, são espaços de dominação político-econômica e de apropriação simbólico-cultural.

Os sujeitos excluídos formaram territórios existenciais que possibilitaram a formação de pontos de fixação no espaço público e o desenvolvimento de estratégias para construir suas vidas num cenário de completa exclusão social. Em um sentido mais estrito, pode-se considerar que a exclusão social caracterizou o perfil da sociedade baiana do final do século XIX, vinculando-a com a precarização territorial daqueles que perderam substancialmente os seus “controles” e/ou identidades territoriais. Dessa maneira, surgiram em Salvador, sobretudo após a Abolição, territórios de ruas comandados por sujeitos que eram vistos, desde a época imperial, como os moleques e vadios.<sup>15</sup> Ou seja, os sujeitos desterritorializados ocuparam cada vez mais a área do centro da cidade de Salvador com as suas misérias e caos coletivos. Muitos libertos moravam nas ruas e exerciam atividades mercadejantes nas vias para manter as suas existências.

Desse modo, compreende-se que os libertos e ex-escravos da cidade de Salvador do final do século XIX buscavam nas ruas os seus meios de subsistência, bem como também faziam dela seu local de moradia. Isso termina por dar uma dimensão ampliada dos territórios das ruas, os quais passaram a funcionar como uma espécie de agência de trabalho, de concentração de vários tipos de atividade ou qualquer labor.

---

<sup>15</sup> FRAGA FILHO, op. cit., 1996, p. 79.

Nesse cenário surgiram os sujeitos ganhadores, os quais ficavam à espera de trabalho pela cidade, trabalhando naquelas imediações. A categoria “ganhador” era associada a aquele indivíduo que vivia literalmente ganhando a vida, dia-a-dia, sol a sol, em atividades de rua.<sup>16</sup> A princípio, o ganhador representava apenas os carregadores homens, entretanto, ao longo do século XIX, sobretudo a partir de 1870, com o declínio da economia açucareira e com o fim tráfico de africanos para o Brasil, ampliou-se a denominação de ganhador, que passou a incorporar também profissionais especializados, como pedreiros, marceneiros, ganhadeiras, ferreiros, padeiros, carpinadeiros, entre outros.

As ganhadeiras eram normalmente as vendedoras das mais diversas iguarias de origem africana. Conforme apontou Soares, analisando a cidade de Salvador do século XIX, a mulher negra baiana, fosse escrava, livre ou liberta, participava de quase todos os setores do mundo do trabalho, criando mecanismos para sobreviver e resistir às adversidades. Portanto, as mulheres estavam inseridas no setor urbano, principalmente nas atividades domésticas e no ganho, vivendo diariamente nas ruas. No ganho de rua, particularmente por meio do pequeno comércio, a mulher negra ocupou um lugar destacado no mercado de trabalho urbano.<sup>17</sup>

---

<sup>16</sup> PRANDI, José Reginaldo. *O trabalhador por conta própria sob o capital*. São Paulo: Símbolo, 1978.

<sup>17</sup> SOARES, Cecília Conceição Moreira. *Mulher negra na Bahia no século XIX*. 1994. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 1994, p. 20.

Nessas ruas, encontravam-se também os capoeiras, os quais organizavam seu território e se defendiam dos possíveis controles e repressões do poder público. O controle policial da época combatia estes sujeitos, uma vez que eram vistos como membros das classes perigosas. Para combater a formação dos territórios dos capoeiras, passaram a existir uma série de leis penais que os consideraram como desordeiros e delinquentes, sendo rigorosamente vigiados e punidos. Nesse novo cenário social, as leis eram criadas na mesma ordem em que os escravos iam gradativamente obtendo suas liberdades.<sup>18</sup>

Enquanto a população negra e mestiça invadiu as ruas de Salvador, a elite soteropolitana estava, em parte, atrelada ao pensamento civilizatório da Europa e, assim, conectada com o progresso, mesmo que tardio. As multidões anônimas que ocupavam as ruas eram vistas como sinônimo de barbárie e de atraso, e pensadas como uma verdadeira ameaça à ordem, pois sua cultura, seus ritmos e seus hábitos estavam muito distantes dos padrões parisienses que a estética oficial sonhava implementar.

Nas primeiras décadas do século XX, a cidade e Salvador foi atingida pela grande moda reformista das cidades que começou com a consolidação do estado republicano. Foi nesse período que ocorreu a abertura das principais avenidas da cidade. Depois dessa fase, construiu-se a Avenida 7 de Setembro, que rasgou o centro antigo da

---

<sup>18</sup> BRETAS, Marcos Luiz. Navalhas e capoeiras: uma outra queda. *Ciência Hoje*, Rio de Janeiro, SBPC, v. 10, n. 59, p. 56-64, nov. 1989.

cidade alta, desde a Praça Municipal até a Vitória, pondo abaixo dezenas de quarteirões, incluindo aí igrejas das mais antigas da cidade, tais como a da Ajuda, a de São Pedro, a do Rosário e a das Mercês, com seu secular convento. As mudanças prosseguiram em décadas posteriores com o aterramento do mar na cidade baixa para a construção do novo porto, que modificou totalmente o frontispício da cidade, culminando, em 1933, com a demolição da Catedral da Sé.<sup>19</sup>

Com o processo de urbanização da cidade de Salvador, ocorrido nas primeiras décadas do século XX, o Centro Histórico do Pelourinho deixou de ser o principal espaço de comércio e de moradia da elite local.<sup>20</sup> Com o passar do tempo, surgiu um novo padrão de ocupação territorial na cidade, com ruas mais largas e lotes mais amplos, que eram conquistas da modernidade. Assim, parte da elite deslocou-se para os bairros distantes, deixando de morar nos espaços centrais e não tardou para que aparecessem os sinais de desinteresse na preservação desses imóveis.<sup>21</sup>

Nesse novo processo, a velha Salvador, que teve sua fase de opulência nos períodos colonial e imperial, foi gradativamente abandonada pelas classes privilegiadas e seus casarões passaram a ser locados

---

<sup>19</sup> SALVADOR (Município). Companhia de Desenvolvimento da Região Metropolitana de Salvador; Secretaria de Planejamento Municipal. *Plano de ocupação para a área do miolo de Salvador*. Salvador, 1985.

<sup>20</sup> SALVADOR (Município). op. cit., 1985.

<sup>21</sup> ESPINHEIRA, Carlos Geraldo D'Andrea. *Comunidade do Maciel*. Salvador: Fundação do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia, 1971, p. 9.

a grupos de renda mais baixa, profissionais liberais e pessoas ligadas ao pequeno comércio. Esse local passou a ser o espaço das camadas mais desfavorecidas daquela sociedade, que vivia, em sua maioria, de atividades informais e descontínuas, quando não marginais.

No início do século XX, os casarões do Centro Histórico do Pelourinho passaram a ser moradia dos sujeitos de baixa renda, sobretudo das populações de rua que conviviam no centro da cidade. Os imóveis passaram a ser subdivididos em cômodos e sublocados a preços mais baratos, o que levou à ocupação da área por pessoas com baixo poder aquisitivo. As superlotações dos cômodos, aliada às dificuldades, como o abastecimento de água, constituíram fatores para a deterioração do local no tocante à limpeza e higiene.<sup>22</sup>

As relações entre os moradores, nesses espaços, eram bastante conflituosas e apresentavam alto índice de rotatividade. As pessoas que residiam nesses espaços conviviam, por exemplo, com infiltração de água nos cômodos. A higiene do local mostrava-se muito precária, expondo os moradores a intenso mau cheiro. A insalubridade do cortiço e suas precárias condições de habitabilidade também puderam ser consideradas como agravantes de doenças já instaladas e à exposição a novas enfermidades. Dessa forma, entende-se que esses fatores promoveram certo sentimento de despertencimento, uma

---

<sup>22</sup> ESPINHEIRA, op. cit., 1971.

vez que os sujeitos não se sentiam donos de suas moradias, considerando-as apenas como uma moradia “de passagem”, contudo, era nas ruas que os sujeitos construíaam seus vínculos de pertença.<sup>23</sup>

As ruas da cidade de Salvador, por sua vez, eram vistas como um símbolo da destruição moral.<sup>24</sup> Existia uma tênue linha moral que percebia os sujeitos residentes nos cortiços do Pelourinho como imorais e/ou inaceitáveis e, em alguns casos, também como membros das classes perigosas.

Durante os anos iniciais do século XX, o Centro Histórico do Pelourinho passou por um processo de invisibilidade, uma vez que era considerado como espaço das classes subalternas. Portanto, surgiam novas territorialidades de exclusão e inclusão social, estabelecendo-se a relação entre indivíduos em estado extremo de exclusão e o processo de apropriação do espaço urbano. Esses grupos ocupavam os espaços das ruas, com destaque para os comerciantes ambulantes, aguadeiros, quituteiras, ganhadeiras, mascates, prostitutas, dentre outros. Pode-se observar que as ruas do Pelourinho se configuram em um exemplo de múltiplos territórios e identidades.

Para Haesbaert, há, dentre outros aspectos, as “territorializações mais flexíveis, que admitem a sobreposição territorial, seja sucessiva (como nos territórios periódicos ou espaços multifuncionais na área central das grandes cidades)”, além das “territorializações

---

<sup>23</sup> ESPINHEIRA, op. cit., 1971.

<sup>24</sup> RODRIGUES, Nina. *Os africanos no Brasil*. São Paulo: Nacional, 1932.

efetivamente múltiplas” em “uma multiterritorialidade em sentido estrito,” edificadas “por grupos ou indivíduos que constroem seus territórios na conexão flexível de territórios multifuncionais e multi-identitários.”<sup>25</sup> Esses sujeitos viviam nas esquinas das ruas do Centro Histórico abandonado, ora em famílias, ora em grupos de vínculos frágeis, como bandos formados sobretudo em torno das atividades ilícitas.

Nesse período supracitado, as ruas do Pelourinho formavam vários territórios, os quais, por vezes, eram mais sedutores do que as próprias residências.<sup>26</sup> As pessoas que moravam no espaço da rua marcavam as fronteiras dos seus territórios por meio de elementos físicos e simbólicos, tais como: código comum na forma de gírias, uma série de rituais de iniciação que marcam a entrada no grupo e, por vezes, a inserção em atividades que por estarem em conflito com a lei, como o roubo e o consumo de drogas, constituíam uma rede fechada de cumplicidades, segredos, rivalidades de grupos e a constituição de identidades bairristas.

Partindo dessa perspectiva, a identidade torna-se fundamentalmente um conceito relacional e comparativo. As pessoas tendiam a se classificar em várias categorias sociais, desempenhando variados papéis, que permitiam aos indivíduos se localizarem ou definirem a si mesmos como parte do ambiente social. É importante enfatizar que a

---

<sup>25</sup> HAESBAERT, op. cit., 2004, p. 8 e HEIDRICH, op. cit., 2006, p. 82.

<sup>26</sup> DAMATTA, Roberto. *A casa e a rua*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991.



identidade, sob a perspectiva sociológica, é um atributo em constante mutação, que se define e se redefine de acordo com mudanças culturais, institucionais, simbólicas e de significados. De acordo com Roberto DaMatta, os espaços representam a percepção do indivíduo em relação ao social.<sup>27</sup> Isso corrobora a ideia de que o espaço é um símbolo que assume diferentes significados, de acordo com o indivíduo, ou com o grupo, relacionando-se a sua história de vida, a sua identidade.

Houve, a partir da década de 1950, uma expansão da economia baiana. Esta produziu um crescimento da atividade industrial e uma modernização do setor de comércio e serviços, no qual destacou-se a implantação da Refinaria Landulfo Alves, em Mataripe, ainda na década de 50. Desde então, a evolução econômica baiana tomou um novo rumo, capitaneada pelos segmentos químico e petroquímico.<sup>28</sup> Nesse período, a região do Pelourinho foi ainda mais afetada em função de algumas obras públicas, como túneis e avenidas, que ligaram a parte baixa da cidade com a parte alta, dispensando a passagem pelo centro onde se encontrava o Largo do Pelourinho. Acrescido a isso, todo o aparato administrativo, que antes se situava no centro da cidade, foi deslocado para a zona norte da urbe. Na

---

<sup>27</sup> DAMATTA, op. cit., 1991, p. 63.

<sup>28</sup> PINHEIRO, José Moura. *Industrialização baiana: o Programa de Distritos Industriais do interior*. 1991. Dissertação (Mestrado em Administração) – Faculdade de Administração, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 1991.

segunda metade do século XX, e em interação com processos de poder econômico e político que incorporaram mais elementos de articulações internacionais, a cidade teve uma imensa urbanização.<sup>29</sup>

A partir da década de 1960, a cidade de Salvador passou por um processo modernização econômica que transformou sensivelmente a sua estrutura, ganhando novos centros comerciais e industriais, além de novos bairros geográficos. A Bahia tornou-se um dos importantes pólos econômicos e culturais do Brasil. Nesse período, o Estado possuía o segundo maior pólo petroquímico do país. Nesse processo, o Pelourinho tornou-se um local totalmente abandonando, onde a marginalidade e a prostituição imperavam junto a monumentos em ruínas e desabamentos, em geral ocupados por pessoas exiladas do novo centro da cidade. Esse cenário passou a despertar a atenção de pessoas ligadas ao patrimônio cultural, como artistas, poetas, jornalistas, dentre outros. Essas pessoas defendiam a intervenção do poder público para a recuperação do centro da cidade, tendo em vista o valor histórico e estético das construções.<sup>30</sup> Jorge Amado, em sua produção literária, passou a fazer parte do movimento intelectual que produziu discursos que conceberam a Bahia como ponto principal de sua observação.

---

<sup>29</sup> AZEVEDO, Roberto Marinho de. Será o novo Pelourinho um engano? *Cidade: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n. 23, p. 130-138, 1994.

<sup>30</sup> COUTINHO, Carlos N. O povo na obra de Jorge Amado. In: ROLLEMBERG, Vera (Org.). *Uma grapiúna no país do carnaval*. Salvador: FCJA/EDUFBA, 2000.

Dessa forma, Amado recolheu dados linguísticos e étnicos para construir o discurso da baianidade. Para tanto, reafirmou os traços da cultura negra como comunidade híbrida que se formou na Bahia pós-colonial.<sup>31</sup> Na obra de Jorge Amado, aparecem personagens como Pedro Arcanjo, símbolo do mulato baiano, que representa a sensualidade do mestiço, o qual era um homem apaixonado pelas mulheres, sendo, todas elas, de sangue misturado, o que lhe conferiria a beleza excêntrica. A história de vida de Pedro Arcanjo é demarcada na época da Abolição da escravatura, em que negros e mestiços, embora gradualmente conquistassem a sua liberdade, eram ainda perseguidos por tentarem viver as suas tradições, desde o candomblé à capoeira, passando pela própria comida (azeite de dendê, e seus magníficos derivados...) e o samba de roda e trios elétricos do carnaval baiano, pai do carnaval carioca. Nas suas produções, Amado tentou reviver a memória do tempo quando era estudante, na da Faculdade de Medicina, situada no Terreiro de Jesus, bem próximo ao pé do Largo do Pelourinho.<sup>32</sup>

Nessas “bahias” de Jorge Amado surgiu a representação da cidade da Bahia como terra da felicidade. Ademais, visualiza-se esse lugar também como espaço da liberdade e da vagabundagem. Na terra da felicidade evidenciam-se elementos como o sol, que bronzeia o corpo da morena, dando-lhe luminosidade, e o mar, que

---

<sup>31</sup> COUTINHO, op. cit., 2000.

<sup>32</sup> COUTINHO, op. cit., 2000.

é um elemento da natureza fundamental nas narrativas de Amado. Na obra de Amado, o mar da Bahia transmite os mistérios dos orixás das águas. Na cidade da Bahia a natureza é aprazível, e abriga o mar e o cais como lugares de vivência dos seus personagens.<sup>33</sup>

Amado fez alusão aos moradores das ruas da Bahia, sobretudo do Centro Histórico. Esses personagens, cuja referência existencial não se calcava no trabalho, eram vagabundos que, quando crianças, viviam nas ruas e nos becos da Bahia, perambulando e aprontando. Quando cresceram, sobreviviam de festas, ajudas de amigos e jogos do amor. As ruas da Bahia surgiram nas narrativas como espaços nos quais circulavam os personagens, pois por não terem uma atividade profissional fixa podiam desfrutar dos mistérios e das belezas da cidade. No livro *Jubiabá* consta a história do personagem Antônio Balduino, que vivia perambulando pela cidade. Essa urbe tinha

[...] ruas e ladeiras calçadas de pedras, fortes velhos, lugares históricos, e o cais, principalmente no cais, tudo pertence ao negro Antônio Balduino. Só ele é dono da cidade porque só ele a conhece toda, sabe de todos os seus segredos, vagabundeou em todas as suas ruas [...] ele fiscalizava a vida da cidade que lhe pertence. Esse é o seu emprego. [...] Come a comida dos restaurantes mais caros, anda nos automóveis mais luxuosos, mora nos mais novos arranha-céus. E pode se mudar a qualquer momento. E como é o dono da cidade não paga comida, nem o automóvel, nem o apartamento.<sup>34</sup>

---

<sup>33</sup> COUTINHO, op. cit., 2000.

<sup>34</sup> AMADO, Jorge. *Jubiabá*. 37. ed. Rio de Janeiro: Record, 1983, p. 64-65.

A descrição desse cenário encerra uma verdadeira explosão de signos, os quais evidenciam as contradições sociais do espaço urbano desse período. Dessa forma, a análise do espaço é imprescindível para se compreender o cenário analisado como paisagem de territorialidades diversas.

Para Amado, era nesse espaço de contradições de lutas fundamentada na ficção a respeito dessa “bahia” que é Salvador que se referenciava a liberdade e a felicidade. A Bahia idílica surgia da beleza e do caos, sendo um lugar que, mesmo com suas adversidades e contradições, era também paradisíaca, já que consistia num lugar onde era possível ser feliz e viver livre de obrigações e responsabilidades.

Essa Bahia promovia as folias de ternos, rodas de samba, afoxés e capoeira às obrigações de candomblé, além do prazer do conversar, ouvir e contar coisas, e, sobretudo, “ao ledo ofício da cama e das mulheres de um lado para outro em gratuita diligência.”<sup>35</sup> Graças ao trabalho de Jorge Amado, desenvolveu-se a propagação da cultura negra junto com a criação dos blocos afro, organizações comunitárias dos negros, como Ilê Aiyê e Olodum. Assim sendo, estes valores da cultura negra do passado influenciaram a cultura baiana contemporânea.

Os discursos sobre a revitalização da cultura baiana também atingiram a música, em especial através dos movimentos de contracultura que ocorreram no país, como o Tropicalismo, no final

---

<sup>35</sup> AMADO, op. cit., 1983, p. 64-65.

da década de 60. Surgido na esteira da onda hippie no mundo, o Tropicalismo projetou artistas como Caetano Veloso, Gilberto Gil e Gal Costa, músicos de destaque no meio artístico nacional. Artistas baianos com o compositor Dorival Caymmi e o grande intérprete da Bossa Nova, João Gilberto, a cantora Maria Bethania, uma das maiores vozes da MPB, e o cineasta Glauber Rocha, cantam, dançam, escrevem, pintam e reinventam a Bahia como a terra de todas as magias, de todos os temperos e de todos os santos e orixás.<sup>36</sup>

Assim, a corporeidade dos baianos aparece na destreza das danças, nos movimentos graciosos, na habilidade corporal e no gingado próprio. Tais aspectos dão conta de um aparato de sedução, que se traduz na forma de andar e de dançar. A baianidade do desempenho físico é marcada por uma desenvoltura e desinibição especialmente das mulheres, na qual o rebolado da baiana é explorado por meio da exibição de uma coreografia sedutora.

Nos discursos artísticos dos anos 60, a Bahia foi vista como a mais perfeita síntese do Brasil em termos artísticos, místicos e musicais. Para eles, nenhum outro estado assimilou tão bem a mistura do africano, do indígena e do lusitano em sua cozinha, cultura e religiosidade. A Bahia somou essas três raças de tal forma que terminou irradiando sua influência para toda a nação.

---

<sup>36</sup> LAGO, Gilberto Pereira do. *Tropicália: artefício de um novo local da cultura. Contribuição ao estudo da identidade cultural na contemporaneidade*. 2003. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporânea) – Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 2003.

Por meio dos discursos de revitalização da cultura baiana, os quais foram empreendidos pelos intelectuais e artistas, nasceu o conceito de baianidade, o qual passou a ser utilizado pelos órgãos oficiais de turismo da Bahia.<sup>37</sup> A princípio, a baianidade era discutida na importância da imagem do local e da sua construção da identidade dos movimentos artísticos. Depois, passou-se a abordar o conceito de baianidade utilizado pelos agentes responsáveis pelo turismo, setor que adquiriu magnitude no perfil da economia baiana a partir dos anos 60. Foi nesse que, segundo a Embratur, empresa governamental de turismo, a Bahia destacou-se no Brasil como a segunda porta de entrada de turistas, ficando atrás apenas do Estado do Rio de Janeiro.<sup>38</sup>

### ***A restauração do Pelourinho na década de 1990***

O projeto de reforma e revitalização do Centro Histórico do Pelourinho foi posto em prática pelo Governo do Estado da Bahia em 1990. Naquele momento, Antônio Carlos Magalhães (ACM) era o chefe do executivo estadual e valeu-se do discurso da baianidade para justificar a reforma desse espaço, que passou vários anos desfocado dos roteiros turísticos, apesar de possuir um grande valor histórico e

---

<sup>37</sup> MARIANO, Agnes Francine de Carvalho. *A arte de ser baiano segundo as letras das canções da música popular*. 2001. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporânea) – Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 2001.

<sup>38</sup> QUEIROZ, Lúcia Aquino de. *Turismo na Bahia: estratégias para o desenvolvimento*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, 2002.

arquitetônico.<sup>39</sup> O discurso da baianidade pretendeu uma unidade de produção cultural, práticas cotidianas, “posturas” ou “estilo” do povo baiano, com características que não eram encontradas na maior parte do Estado. Antes, estavam restritas a Salvador e ao Recôncavo.

A primeira investida com foco na afirmação de uma identidade afrobaiana voltada à atividade turística foi a reforma do Centro Histórico de Salvador. Casarões, sobrados e templos passaram a ter novas estruturas e novas cores. As ruas ganharam mais limpeza, mais segurança. Quem viu o Pelourinho de décadas atrás e o visualiza hoje se depara com tantas mudanças que se surpreende com tamanho desenvolvimento, o que trouxe modernidade ao bairro, maior qualidade de vida aos moradores e, claro, aconchego a quem chega. Pode-se afirmar que após a reforma, o Pelourinho resgatou sua pluralidade cultural e religiosa, sem perder sua singularidade turística para a qual sempre teve vocação.

As políticas de requalificação do Centro Histórico do Pelourinho estão vinculadas a uma onda de restauração dos centros urbanos do Brasil, a qual ganhou ênfase a partir dos anos 90 do século XX. Nesse período, o Pelourinho deixou de ser visto como um espaço dos escravos e dos marginalizados e ganhou visibilidade como patrimônio do povo. O discurso produzido em torno do

---

<sup>39</sup> Cabe destacar que o discurso da baianidade foi criado na primeira metade do século XX e consta nas obras de Jorge Amado e nas composições de Dorival Caymmi, as quais expressaram uma Bahia marcadamente bucólica e praieira, folclorizada através da preguiça e da malemolência do baiano, algo que fundamentou todo projeto do governo carlista.



Pelourinho ganhou o enfoque do discurso étnico, fundamentando-se numa perspectiva de liberdade. Nesse quadro, o final da década de 1980 caracterizou-se por uma tentativa de identificação de alternativas para o desenvolvimento do Estado.

Na década seguinte, o governo estadual, retomado pelo carlismo a partir de 1991, realizou, progressivamente, uma chamada política de modernização do Estado, revendo seu papel de atuação nos diferentes setores e promovendo a captação de recursos junto a agências multilaterais, além de realizar uma política agressiva de incentivos fiscais e financeiros para atrair empresas. Tal prática de modernização conservadora complementou-se através da recuperação de uma parcela importante da autonomia financeira do Estado, que contou então com aumento substancial da sua capacidade de investimento, decorrente de uma política rigorosa de “saneamento financeiro” ainda no início do período do chamado ajuste fiscal brasileiro.

O projeto de reforma do Pelourinho foi concebido em etapas: a primeira visava realizar uma intervenção de monta no coração do centro antigo, abrangendo cerca de 10 hectares, justamente a área mais degradada e a que continha maior número de exemplares de arquitetura colonial e barroca; a próxima etapa voltou-se para a transformação drástica dos moldes e das características do processo de reprodução da área, recuperando-a e reinserindo-a numa dinâmica mais condizente com a nova lógica de preponderância do turismo na condução do desenvolvimento da cidade. Por fim, fomentaram-se

projetos de intervenções na malha urbana e social, além de uma programação de eventos que também foi implementada. Essa ação recebeu a denominação *Pelourinho Dia & Noite*, e visou “animar” a área, complementando a estratégia de renovação da mesma e reforçando o papel de atração que se esperava que esta viesse a exercer a partir de então.

Através do projeto de revitalização do Pelourinho, o Olodum ganhou proeminência e se apresentou para o mundo como a expressão cultural e musical do centro histórico. O Olodum surgiu na condição de bloco-afro do carnaval da cidade do Salvador, o qual foi fundado em 25 de abril de 1979, durante o período carnavalesco como opção de lazer aos moradores do Maciel-Pelourinho, garantindo-lhes, assim, o direito de brincarem o carnaval em um bloco e de forma organizada.

O Olodum transformou-se numa ONG e passou a devolver ações contínuas, via a Escola Olodum, que possui como missão promover o desenvolvimento da cidadania e preservar a cultura negra, com base nos posicionamentos dos ativistas do movimento negro. O objetivo da instituição escolar é o de oferecer um saber a respeito do povo afrobrasileiro, a fim de promover novas formas de conhecimentos adicionais àqueles adquiridos no sistema formal de ensino. Esse projeto pioneiro de educação popular afrobrasileiro originou-se no projeto de formação de percussionistas, que passou a ser desenvolvido a partir de 1984. Os músicos formados na Escola Olodum eram os mesmos que estruturavam o grupo de apresentação que saiu no Carnaval.

Entendia-se que os jovens que viviam em situação de risco e vulnerabilidade social, e sem perspectivas de integrar-se socialmente por conta do estigma marginal que na época existia contra os moradores da área, podiam recuperar a auto-estima por meio da expressão musical. Mais tarde, Oludum tornou-se uma banda que passou a se apresentar no Largo do Pelourinho nos dias de terça-feira. Essas apresentações ficaram conhecidas como o dia da bênção do Pelourinho.

Historiadores indicam que ela começou em 1950, no dia da bênção da Igreja de São Francisco, ou seja, na terça-feira, quando eram distribuídos pães aos presentes que se multiplicavam a cada dia. Daí, criou-se o hábito de “tomar uma cerveja” após a missa de terça. Com a revitalização do Pelourinho nos anos 90, as terças da bênção se transformaram num grande evento realizado nas ruas do Centro Histórico. Nessa mistura, sagrado e profano, surgiam as primeiras barracas – cujo comércio era, sobretudo, feito por moradores do local – e os bares de reggae.

Com a visibilidade recém-adquirida dos blocos afros, principalmente do Olodum, o Centro Histórico passou a atrair a população de Salvador como um todo. Em 1996, até o cantor pop Michael Jackson veio ver de perto a musicalidade do Olodum. Não foi em dia terça de bênção, foi em dia de sábado que o astro pop gravou junto ao Olodum a canção *They Don't Care About Us*. Esse clipe, filmado na Favela Santa Marta, no Rio de Janeiro, e no Pelourinho, em Salvador, levou o Olodum à fama, dando-lhe reconhecimento mundial.

Já o Bando de Teatro Olodum foi criado em 1990, em Salvador, como uma espécie de “braço artístico” de ação educativa do Grupo Cultural Olodum.<sup>40</sup> O grupo tinha como propósito tratar de questões que envolviam as camadas populares de Salvador, e, sobretudo, lançar algumas críticas sobre o projeto de revitalização do Pelourinho no tocante a exclusão dos antigos moradores do espaço no contexto pós-reforma. No decorrer de sua trajetória, o grupo passou a assumir o discurso de um teatro cuja função era a de conscientizar, informar, transformar, questionar, contribuindo para a valorização e a afirmação da identidade negra, além de combater o preconceito e a discriminação racial. O teatro do Olodum apresentou várias peças, dentre elas, *Ô Pai Ô*, que se tornou filme e episódio da rede Globo.<sup>41</sup>

No final dos anos 90, o Olodum deixou de ser um bloco-afro e passou a ser uma marca conhecida internacionalmente. Com a penetração dessa nova estrutura de exploração do capital, através do turismo, no Pelourinho, ocorreu um processo de internacionalização da cultura negra que é também, evidentemente, um produto da ação das próprias pessoas de cor. Segundo, a indústria do lazer também incorporou um grande número de símbolos e sons negros, seja para impulsionar as vendas de certos produtos, seja para atrair um poder

---

<sup>40</sup> DOUXAMI, Christiane. Teatro Negro: a realidade de um sonho sem sono. *Revista Afro-Ásia*, n. 25-26, p. 313-363, 2001.

<sup>41</sup> DOUXAMI, op. cit., 2001.

aquisitivo do negro de crescimento lento, mas potencialmente muito importante. Ao fazê-lo, ela conferiu à cultura negra, em suas expressões tradicionais e mais novas, uma autoridade renovada.<sup>42</sup>

A expressão do discurso da baianidade do Olodum, nesse momento, nos usos dos símbolos, não mais fazia alusões regionais aos negros que viviam na velha cidade de Salvador. Os símbolos do Olodum faziam referências internacionais, e/ou translocais, sobretudo porque remetiam à África na construção do discurso da diáspora no contexto do ativismo das idéias pan-africanistas. Conforme apontou Stuart Hall, as identidades de todo o mundo atravessam processos de deslocamento ocasionados pelas mudanças das estruturas e dos processos centrais das sociedades.<sup>43</sup>

Esse processo de deslocamento das identidades acabou por gerar a necessidade de novas formas de analisar e reificar as mesmas. Como exemplo, Hall citou como as lutas pelos direitos humanos têm conflitos dentro dos seus quadros de ativistas, uma vez que a modernidade trouxe consigo uma gama maior de identidades que precisaram ser incorporadas às esferas de reivindicação. Também a modernidade e as conquistas alcançadas por esses grupos de reivindicação trouxeram consigo a inserção de setores, que não as elites,

---

<sup>42</sup> SANSONE, Livio. *Negritude sem etnicidade: o local e o global nas relações raciais e na produção cultural negra do Brasil*. Salvador/Rio de Janeiro: EDUFBA/Pallas, 2003.

<sup>43</sup> HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

que historicamente ocuparam as cadeiras de produção do conhecimento científico, fazendo com que a academia assumisse posturas epistêmicas diferenciadas de cientificidade.

No contexto da reinvenção da cultura negra e no discurso da identidade negra que foi produzida nos anos 90 na Bahia, destacam-se as formas de se vestir e mostrar o cabelo, baseadas nos costumes tradicionais que ficaram como herança do outro continente. O corpo do negro, nesse contexto, é o grande marco das identidades. Depois da reforma do Pelourinho surgiram alguns salões de “Penteados Afros”, os quais foram fundados para atender os turistas. Todos que visitavam o Pelourinho entravam na onda dos estilos e usos do cabelo afrodescendente, que passou a ser visto como um marco relevante na configuração de um cenário étnico-cultural que se estabeleceu na antiga capital do Brasil, Salvador.<sup>44</sup>

O discurso identitário do Olodum se prende na interação que se estabelece na expressão da corporeidade, através da estética, a qual dá conta de um suposto pertencimento étnico. A segunda lógica desse discurso se prende na ótica da universalidade, uma vez que tenta textualizar uma cultura como caráter antropológico de um determinado processo, representado na tentativa de textualizar o processo da cultura de resistência que emerge através da diáspora africana.

---

<sup>44</sup> SANTOS, Jocélio Teles dos. O negro no espelho: imagens e discursos nos salões de beleza étnicos. *Estudos Afro-asiáticos*, Rio de Janeiro, n. 38, p. 49-65, dez. 2000.

Assim, também ocorreu um processo de mercantilização da cultura negra na definição da cidadania.<sup>45</sup> Desse modo, na configuração da nova cultura negra baiana, Sansone aponta para uma combinação peculiar entre a manipulação de um poderoso banco de símbolos étnicos e religiosos associados à pureza e à autenticidade e o intercâmbio material e simbólico com as culturas negras diaspóricas.<sup>46</sup> Para Sansone, as identidades étnicas das sociedades contemporâneas ressaltam a necessidade de se compreender as experiências multiétnicas no contexto urbano moderno no lugar dos essencialismos que colocam a negritude em oposição à modernidade. Seu argumento principal é de que não é possível conceber uma teoria da mobilização étnica universal, cuja base ortodoxa idealiza um compromisso integral da ‘raça’ articulada a um discurso político.<sup>47</sup>

A grande característica do discurso da baianidade do Olo-dum é aproximação da noção de africanidade, a qual se relaciona estreitamente com a cultura juvenil e a indústria do lazer.<sup>48</sup> Ao criar essa identidade, os negros jovens não só questionam a hegemonia dos brancos, como também discutem a cultura de seus pais e aquilo que identificam como o “mundo do passado”, manifestando o desejo

---

<sup>45</sup> CANCLINI, Néstor García. *Consumidores e cidadãos: conflitos culturais na globalização*. Rio de Janeiro: EDUF RJ, 1999.

<sup>46</sup> SANSONE, op. cit., 2003, p. 60.

<sup>47</sup> SANSONE, op. cit., 2003, p. 254.

<sup>48</sup> SANSONE, op. cit., 2003.

de serem negros e ao mesmo tempo também “modernos”.<sup>49</sup> Na verdade, essas novas identidades afrobaianas se afirmam com base em outras identidades sociais, que são inspiradas na idade e na classe e combinam o ser preto com o ser jovem que pertence às classes mais baixas. De acordo com Sansone, trata-se, como a maioria das novas etnicidades no contexto urbano, de uma identidade multifacetada.

### ***Considerações finais***

Depois do projeto de reforma do Centro Histórico do Pelourinho, a Bahia passou a ser apresentada como um lugar de ritmo, comidas típicas, música, paisagens e alegria. Depois da reforma, o cenário do Pelourinho foi montado visando às expectativas do mercado do turismo que cresceu muito na Bahia, sobretudo depois da década de 90 do século XX. Os discursos dos cartões postais desse período passaram a pintar o Pelourinho de cores coloridas que expressavam a alegria da cultura afrobaiana. Todos esses elementos citados faziam parte da expressão do discurso da baianidade que foi produzido de acordo com diferentes interesses, os quais foram conjecturados de acordo com as expectativas ideológicas de cada contexto em questão.

Para além dos discursos da baianidade, pode-se ver no Centro Histórico do Pelourinho uma realidade que não consta nos cartões postais. Depois da recuperação do local, os intelectuais denunciaram que a reforma se prendeu essencialmente nos aspectos

---

<sup>49</sup> SANSONE, op. cit., 2003, p. 256.



físicos do espaço. Para esses discursos, a restauração arquitetônica dos prédios e da área em geral era tão importante como a valorização dos sujeitos excluídos que residiam ali. Acreditava-se que era preciso também recuperá-lo economicamente, reintegrando-o à economia urbana formal.

Os críticos denunciaram que a experiência da recuperação do sítio histórico do Pelourinho construiu uma grande infraestrutura de lazer/cultura, consumo e serviços especializados, que recebeu um intenso fluxo turístico. Nesse processo, o uso era absolutamente marginal, sendo a concepção básica do projeto a de um grande shopping center a céu aberto, que devia se responsabilizar pela redinamização da área. A remoção da maior parte da população do local, caracterizada por baixos níveis de renda e por uma inserção em grande parte marginal no mercado de trabalho, era, portanto, condição para a implementação da operação.

As contradições sociais do Pelourinho fazem parte de História. A pobreza, tirando os gringos que circulam todos os dias na região, também o é. A quantidade de pedintes nas ruas, principalmente em épocas de temporadas, é alarmante. O entorno do Pelourinho, mesmo depois da reforma, ficou abandonado: sua cor era a da pobreza. Contrariamente aos discursos de arrumação e de cidade limpa, aos poucos apareceram sujeitos que encheram as paisagens das igrejas históricas, da Casa de Jorge Amado, do Elevador Lacerda, externando expressões que denunciaram que ao lado do centro de turismo existia um forte tráfico de drogas, sobretudo de pedras de crack.

Na rua da Independência, na da Liberdade e na 28, por exemplo, funcionavam o tráfico varejista de drogas. Essas vias abrigavam o universo dos moradores de rua, nos quais se faziam presentes os flanelinhas, os viciados em drogas, as prostitutas, dentre outros sujeitos. Durante o dia, e especialmente à noite, as vielas nos arredores do Centro Histórico ficavam lotadas de pessoas que desenvolviam outras sociabilidades, para além do turismo. Volta e meia, agentes da polícia civil apareciam, mas os guardas que permaneciam no dia a dia eram, no mínimo, omissos ou coniventes com a venda de drogas. A prostituição infantil também ocorria na região, sobretudo em função da procura dos gringos.

O projeto de revitalização do Centro Histórico do Pelourinho, iniciado na década de 90 do século XX, no governo de Antônio Carlos Magalhães, e que ainda não foi finalizado, retirou dos cortiços muitos moradores em favor da especulação imobiliária, já que o local se tornou ponto de atração turística. O processo de revitalização feito pelo governo ACM se mostrou errado do ponto de vista econômico e social. Hoje, o Pelourinho é o mais expressivo empreendimento econômico e o maior investimento simbólico da Bahia contemporânea, no entanto, esse espaço é compartilhado por todas as classes e grupos sociais.

Observou-se nesse trabalho que desde o período da cidade colonial e imperial, as ruas do Pelourinho foram habitadas pelos pobres e libertos, sendo em certo momento um espaço onde se

lançavam todos os resíduos da sociedade escravagista. Ou seja, esse lugar sempre abrigou os territórios dos desclassificados e desposuídos. Hoje, apesar de essa área ser recuperada pela intervenção estatal, voltou a ser o centro de circulação de uma população negra e mestiça de caracterização semelhante aos chamados malandros e vadios do século XIX. Os novos malandros são jovens, crianças e adultos que não têm trabalho fixo ou regular, em parte por força da carência de empregos na economia.

### **Referências Bibliográficas**

AZEVEDO, Roberto Marinho de. Será o novo Pelourinho um engano? *Cidade: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n. 23, p. 130-138, 1994.

BRETAS, Marcos Luiz. Navalhas e capoeiras: uma outra queda. *Ciência Hoje*, Rio de Janeiro, SBPC, v. 10, n. 59, p. 56-64, nov. 1989.

CANCLINI, Néstor García. *Consumidores e cidadãos: conflitos culturais na globalização*. Rio de Janeiro: EDUF RJ, 1999.

COUTINHO, Carlos N. O povo na obra de Jorge Amado. In: ROLLEMBERG, Vera (Org.). *Uma grapiúna no país do carnaval*. Salvador: FCJA/EDUFBA, 2000.

DAMATTA, Roberto. *A casa e a rua*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991.

DOUXAMI, Christiane. Teatro Negro: a realidade de um sonho sem sono. *Revista Afro-Ásia*, n. 25-26, p. 313-363, 2001.

ESPINHEIRA, Carlos Geraldo D'Andrea. *Comunidade do Maciel*. Salvador: Fundação do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia, 1971.

FARIA, A. A. M.; LINHARES, P. T. S. O preço da passagem no discurso de uma empresa de ônibus. *Cadernos de Pesquisa do NAPq*, Belo Horizonte, v. 10, p. 32-38, 1993.

FRAGA FILHO, Walter. *Encruzilhadas da liberdade: histórias de escravos na Bahia (1870-1910)*. São Paulo: EDUNICAMP, 2006.

FRAGA FILHO, Walter. *Mendigos, moleques e vadios na Bahia do século XIX*. São Paulo/Salvador: Hucitec/EDUFBA, 1996.

HABERMAS, Jürgen. *Consciência moral e agir comunicativo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

\_\_\_\_\_. *Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HAESBAERT, Rogério. *Des-territotalização e identidade: a rede "gaúcha" no Nordeste*. Niterói: EDUFF, 2004.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HEIDRICH, Álvaro Luiz. Territorialidades de exclusão e inclusão social. In: REGO, Nelson; MOLL, Jaqueline; AIGNER, Carlos (Orgs.). *Saberes e práticas na construção de sujeitos e espaços sociais*. Porto Alegre: EDUFRGS, 2006, p. 21-44.

LAGO, Gilberto Pereira do. *Tropicália: artifício de um novo local da cultura*. Contribuição ao estudo da identidade cultural na contempora-

- neidade. 2003. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporânea) – Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 2003.
- MARIANO, Agnes Francine de Carvalho. *A arte de ser baiano segundo as letras das canções da música popular*. 2001. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporânea) – Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 2001.
- PINHEIRO, José Moura. *Industrialização baiana: o Programa de Distritos Industriais do interior*. 1991. Dissertação (Mestrado em Administração) – Faculdade de Administração, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 1991.
- PRANDI, José Reginaldo. *O trabalhador por conta própria sob o capital*. São Paulo: Símbolo, 1978.
- REIS, João José. A greve negra de 1857 na Bahia. *Revista USP*, n. 18, p. 7-29, jun./ago. 1993.
- \_\_\_\_\_. *Rebelião escrava no Brasil: a história do Levante dos Malês em 1835*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- RISÉRIO, Antônio. *Uma história da cidade da Bahia*. Rio de Janeiro: Versal, 2004.
- SANSONE, Livio. *Negritude sem etnicidade: o local e o global nas relações raciais e na produção cultural negra do Brasil*. Salvador/Rio de Janeiro: EDUFBA/Pallas, 2003.
- SANTOS, Jocélio Teles dos. O negro no espelho: imagens e discursos nos salões de beleza étnicos. *Estudos Afro-asiáticos*, Rio de Janeiro, n. 38, p. 49-65, dez. 2000.

SANTOS, Milton. *Pobreza urbana*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1979.  
SOARES, Cecília Conceição Moreira. *Mulher negra na Bahia no século XIX*. 1994. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 1994.

### Fontes

AMADO, Jorge. *Jubiabá*. 37. ed. Rio de Janeiro: Record, 1983.  
QUEIROZ, Lúcia Aquino de. *Turismo na Bahia: estratégias para o desenvolvimento*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, 2002.  
RODRIGUES, Nina. *Os africanos no Brasil*. São Paulo: Nacional, 1932.  
SALVADOR (Município). Companhia de Desenvolvimento da Região Metropolitana de Salvador; Secretaria de Planejamento Municipal. *Plano de ocupação para a área do miolo de Salvador*. Salvador, 1985.

**Recebido em 2 de fevereiro de 2011; aprovado em 12 de dezembro de 2011.**